

CORPO E GÊNERO NAS PRÁTICAS ESCOLARES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Francis Madlener de Lima
Universidade Federal do Paraná

Nilson Fernandes Dinis
Universidade Federal do Paraná

Resumo

A Educação Física, no contexto da sociedade capitalista, passa a ser uma ferramenta importante para a adequação dos corpos ao novo modelo de produção. Nesta disciplinarização dos corpos, os métodos ginásticos e a posterior inserção da Educação Física nas escolas trazem consigo formas de intervenção que se caracterizam por uma disciplina imposta e uma internalização e auto-regulação dos indivíduos. Toda metodologia de ensino da Educação Física nas escolas mantém essas raízes em práticas anteriormente ligadas à produção de trabalhadores e sua preparação física e moral. Estas práticas escolares continuam solidificando a distinção dos indivíduos feita através de suas capacidades físicas e também de seu sexo biológico, através da noção de papéis sociais ligados a cada gênero. Sendo assim as aulas de Educação Física separam as meninas dos meninos, determinam suas características e perpetuam um modelo em que ao homem cabe um papel ativo, violento e competitivo, restando às mulheres o seu oposto. Busca-se perceber, através desse artigo, de que forma se dá essa produção de sujeitos e suas identidades de gênero nas práticas atuais da Educação Física.

Palavras-chave: corpo; gênero; Educação Física

Abstract

Historically, in the capitalist society, physical education became an important tool to adapt the bodies to the new production model. The gymnastics methods and the later physical education insertion into the schools impose body shapes with a self discipline, a self internalization and a self regulation by the fellow. All school physical education methods maintain these roots of practices before connected to a labors production and physical and moral qualification. These school practices continue to solidify the individual distinction by physical abilities and biological sex through the standard social roles attached to each gender. Physical education classes divide girls and boys and impose characteristics on each one to support that man has a standard active, aggressive, and competitive role, leaving the opposite characteristics to women. This article aims to understand these ways of subjects' production and their gender identities in the present physical education practices.

Key words: body; gender; physical education.

A disciplinarização dos corpos nas práticas de Educação Física

Muitos autores já escreveram a história da Educação Física, ou melhor, as histórias, uma vez que não existe uma única e verdadeira história e não é o objetivo, neste momento, reescrevê-la, mas sim refletir a partir desses autores os aspectos centrais de uma Educação Física que já assumiu e vem assumindo vários papéis dentro da nossa sociedade. Esse trabalho de reflexão acerca dessa história é fundamental para o entendimento dessa área de conhecimento, tanto para seus professores e professoras como para aqueles/as interessados/as na educação escolar de uma forma geral.

Desta forma, acredita-se ser de fundamental importância refletir sobre essa história, tendo em mente que os caminhos que a Educação Física vem assumindo ao longo de sua existência configuram uma determinada concepção de sociedade e de sujeito, e, no caso específico deste trabalho, configura papéis e atividades próprias para homens e mulheres. Assim, antes de questionar mais profundamente as relações entre corpo e gênero nas aulas de Educação Física, é importante visualizar brevemente a história dessa área do conhecimento.

Percebe-se que a Educação Física vem assumindo diversas formas ao longo do tempo, sendo estruturada como atividade necessária ao ser humano no período de advento da sociedade capitalista. Na Europa a Educação Física passa a ser caracterizada como Ginástica, termo que segundo Soares (2002, p. 20) abarca “exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares e da nobreza, acrobacias, saltos corridas, equitação, esgrima, danças e canto”, sendo desenvolvida através de diversos métodos. Uma prática anteriormente realizada com fins militares passa a ser difundida para toda uma sociedade crescentemente urbana e industrial, cada vez mais afetada pelas intempéries causadas pelo modo de produção capitalista, ou como ainda afirma Soares (2002, p. 19): “é possível afirmar que, ao longo do século XIX, surgem inúmeras tentativas de estender sua prática ao conjunto da população urbana cada vez mais numerosa e potencialmente ‘perigosa’ para os objetivos do capital”.

Este perigo residia no fato de seu crescimento vertiginoso e na ausência de valores e comportamentos que eram preconizados pela emergente classe burguesa. Uma população sem a educação desejada pela classe dominante e que vivia distante de sua moral causava desordem dentro do novo padrão de sociedade que se desejava criar. As doenças proliferavam e atrapalhavam a saúde do trabalhador e da trabalhadora, ponto fundamental para o capitalismo, uma vez que este necessitava (e necessita) da força de trabalho dos seus operários e operárias. Assim, junto com inúmeras medidas sanitárias e de moralização das cidades, a atividade física, na forma da Ginástica, passa a ser defendida pelos meios intelectuais como forma de aprimoramento da saúde, tanto individual quanto coletiva:

... é possível destacar que o reconhecimento da ginástica pelos círculos intelectuais é fator decisivo para sua aceitação por uma burguesia que a deseja transformada e, assim, devolvida à população como conjunto de preceitos e normas de bem viver. É a partir deste reconhecimento que, de fato, a ginástica

passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e gestos. Como prática capaz de permitir que o indivíduo venha a internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano (Soares, 2002, p. 18).

Ainda segundo a autora “no caso do Brasil, a Educação Física aparecerá vinculada aos ideais eugênicos de regeneração e embranquecimento da raça, figurando em congressos médicos, em propostas pedagógicas e em discursos parlamentares” (Soares, 2001, p. 18). Sendo assim, a prática de atividades físicas sistematizadas estará em nosso país muito ligada ao discurso da formação de uma raça brasileira. De forma semelhante ao ocorrido na Europa, percebe-se que a Educação Física esteve fortemente ligada às instituições militares e médicas, sendo reconhecida como importante para a saúde da população, principalmente por sua legitimação atestada pelos médicos higienistas.

Foi a partir dessa associação entre capitalismo emergente, necessidade de crescimento e dificuldades sociais, baseada no ideal positivista de médicos e militares, que a Educação Física entrou nas escolas brasileiras e “é neste quadro que a idéia de educação como instrumento capaz de transformar o país se faz presente de modo marcante no pensamento das elites identificadas com o novo. E Rui Barbosa é um de seus porta-vozes mais expressivos” (Soares, 2001, p. 89).

A Educação Física escolar passa então a ser configurada como meio de promover a saúde individual, tendo como objetivo maior a melhoria da nação, educando homens e mulheres aptos a desempenharem seus papéis dentro da nova sociedade brasileira que se constrói, “a Educação Física no Brasil, em suas primeiras tentativas para compor o universo escolar, surge como promotora da saúde física, da higiene física e mental, da educação moral e da regeneração ou reconstituição das raças” (Soares, 2001, p.91).

A Educação Física veio atender a demanda de organização dos corpos, de purificação das populações e melhoria da mão de obra. Em uma sociedade que passa a valorizar o ser humano de uma nova forma produtiva, a educação do corpo faz-se fundamental para as aspirações capitalistas, uma vez que a força de trabalho torna-se a base da economia. Vê-se então, uma forma renovada de intervenção política no corpo:

... o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (Foucault, 1987, p. 28).

Nesta Ginástica, que é consolidada no século XIX, existem características marcantes que permanecem até os nossos dias. A principal delas é a intensa necessidade de reconhecimento científico. Reconhecimento que vem da utilização de estudos anatômicos, fisiológicos e biológicos. A adequação da Educação Física dentro da lógica científica que

mede, calcula e automatiza homens e mulheres deixou um legado à Educação Física escolar, que ainda faz prevalecer, na sua maioria, os aspectos físicos e biológicos em suas aulas.

A Educação Física desde seu surgimento teve como um de seus objetivos a descoberta do funcionamento do organismo, a melhor forma de utilização das energias e as maneiras de tornar o corpo mais saudável. Justificou sua presença na escola e na sociedade a partir da ciência e da sua capacidade de ajudar na melhoria da saúde individual e coletiva. Sendo assim, sempre buscou desenvolver meios para separar, medir, quantificar, avaliar e julgar os corpos.

Partindo do pensamento foucaultiano sobre o poder, deve-se questionar aqueles mecanismos que, segundo o autor, são produzidos pela inscrição na superfície dos corpos, o que permite analisar uma série de intervenções políticas que passaram a ser exercidas a partir do advento da técnica do exame na separação e avaliação dos corpos, podendo servir a objetivos que vão além da saúde:

Graças a todo esse aparelho de escrita que o acompanha, o exame abre duas possibilidades que são correlatas: a constituição do indivíduo como objeto descritível, analisável, não contudo para reduzi-lo a traços “específicos”, como fazem os naturalistas a respeito dos seres vivos; mas para mantê-lo em seus traços singulares, em sua evolução particular, em suas aptidões ou capacidade próprias, sob o controle de um saber permanente; e por outro lado a constituição de um sistema comparativo que permite a medida de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, a estimativa dos desvios dos indivíduos entre si, sua distribuição numa “população” (Foucault, 1987, p. 169).

Desta forma, a Educação Física, atendendo às necessidades produtivas, e criando meios de atuar em prol de uma sociedade que a adotou como ferramenta, passou a ditar normas e padrões de saúde, passou a separar os aptos daqueles/as que precisavam de cuidados. A Educação Física através de seus métodos ginásticos, exigência de desempenho e busca constante de resultados desenvolveu um imaginário no qual o corpo deve estar sempre são, belo e preparado para as exigências de uma sociedade em constante transformação.

Dentro da análise dessa sociedade capitalista cabe ressaltar a presença marcante da disciplina, que se configurou como necessidade e também como ferramenta do capitalismo emergente, fazendo nascer aquilo que Foucault denomina “sociedade disciplinar”: “pode-se então falar, em suma, da formação de uma sociedade disciplinar nesse movimento que vai das disciplinas fechadas, espécie de ‘quarentena’ social, até o mecanismo indefinidamente generalizável do ‘panoptismo’”(Foucault, 1987, p. 189). A sociedade disciplinar caracteriza-se por uma constante vigilância, que age sem ser vista; que, após inculcar o autocontrole nos indivíduos, não necessita expor-se, pois, mostra seus efeitos a partir das próprias ações individuais. Para Foucault (1987, p. 126) “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas

forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as ‘disciplinas’”. Ainda segundo o autor “a disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados”, na medida em que limita suas ações, canalizando suas energias para objetivos específicos (Foucault, 1987, p. 127).

No caso da escola, os exercícios, as repetições, a cerimônia e a avaliação, entre tantas outras práticas, fazem com que os alunos e alunas sejam organizados, assim como os operários e operárias de uma fábrica, dentro de um sistema de normas de comportamento, com a imposição de uma série de tarefas que visam um objetivo maior de docilizar os corpos:

...a disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso (Foucault, 1987, p. 127).

A partir de Foucault pode-se ainda analisar outras características escolares que auxiliam no entendimento da Educação Física. Formas de proceder que influenciariam esta prática escolar significativamente ao longo do tempo. A primeira delas é a fila, essa forma de organização que ainda hoje está muito presente nas aulas de Educação Física. Alinhando os alunos e alunas dessa forma, as professoras e professores tentam administrar as aulas, ocupar os espaços e materiais de forma a auxiliar no entendimento e execução dos movimentos: “a disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações” (Foucault, 1987, p. 133).

Outra forte característica da Educação Física, principalmente aquela que privilegia o esporte dentro da escola, é a relação entre corpo e objeto a ser manipulado. Nessa passagem, Foucault analisa a disciplina presente na movimentação militar. Pode-se relacionar essa forma de ação com a Educação Física militarista que esteve presente nas escolas por muito tempo e que deixou suas marcas:

Temos aí um exemplo do que se poderia chamar a codificação instrumental do corpo. Consiste em uma decomposição do gesto global em duas séries: a dos elementos do corpo que serão postos em jogo, a dos elementos do objeto manipulado; coloca-se depois em correlação uns com os outros segundo um certo número de gestos simples; finalmente fixa a ordem canônica em que cada uma dessas correlações ocupa um lugar determinado (Foucault, 1987, p. 139).

A antiga (e ainda presente) exigência de rendimento, de habilidades motoras bem desenvolvidas e destreza na execução dos movimentos ginásticos ou esportivos, fez com que a Educação Física fosse caracterizada como a prática capaz de fortalecer o corpo e a moral dos indivíduos. A disciplina presente nos exercícios e nos esportes seria transposta

para a vida do aluno e da aluna, tornando-os aptos/as a sobreviver na sociedade.

Ainda em relação à disciplina, as aulas de Educação Física sempre tiveram o esquadramento do corpo e a exposição das habilidades como centro de sua prática. Os alunos e alunas precisam expor-se frente aos demais, realizar as atividades perante os olhares avaliativos de colegas, professoras e professores. A exposição das fraquezas ou das qualidades faz com que a aula de Educação Física sirva como forma de vigilância, uma vez que a aluna e o aluno estão sendo observados o tempo todo, avaliados e julgados. Na perspectiva da Educação Física hegemônica, o aluno e a aluna não escrevem, não falam, não fazem provas ou trabalhos, eles não podem se esconder atrás das palavras. Seus corpos são a expressão máxima de suas virtudes e vícios e as avaliações são feitas a partir da observação de sua postura, de suas habilidades e dificuldades em um exercício constante de visibilidade:

O poder disciplinar (...) se exerce tornando-se invisível: em compensação impõe aos que submete um princípio de visibilidade obrigatória. Na disciplina, são os súditos que têm que ser vistos. É o fato de ser visto sem cessar, de sempre poder ser visto, que mantém sujeito o indivíduo disciplinar (Foucault, 1987, p. 167).

Na Educação Física - mais do que em qualquer outra matéria curricular, pois tem o corpo como objeto de intervenção direta - o indivíduo se vê exposto, controlado em seus gestos e avaliado de acordo com suas capacidades físicas. O corpo é o alvo primeiro da intervenção disciplinar e através dele buscam-se outros aspectos do sujeito: a alma pura, o espírito nobre, a moral elevada, o trabalho honesto.

A Educação Física e as questões de gênero

A disciplinarização dos corpos também atravessa a formação das identidades de gênero, marcada pelo predomínio de uma tradição biológica/tecnicista arraigada na história e nas práticas da Educação Física. Essa tradição pode ser percebida nas práticas escolares na quais prevalecem a prática desportiva e a divisão das atividades entre meninos e meninas. A aula de Educação Física, desta forma, acaba fortalecendo padrões e estereótipos de gênero, produzindo sujeitos masculinos e femininos.

Apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias escolares, parece que é na educação física que essa distinção é salientada repetidamente. Pois ainda hoje, a partir de uma hierarquia das aptidões físicas aceitas socialmente, considera-se as meninas "naturalmente" mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma estrutura especial que proteja as meninas da "brutalidade" inerente aos meninos (Fraga, 2000, p. 117).

A partir dessa separação, considerada "natural" por muitos professores e professoras,

são formadas e reforçadas expectativas e modos de comportamento “próprios” de cada gênero. Às meninas cabe jogar caçador, realizar atividades ligadas à dança, entre outros, e, para os meninos, são permitidas atividades esportivas mais “agressivas”, que desenvolvem e/ou liberam sua suposta agressividade:

Jogos e competições apontam para a construção de corpos masculinos mais fortes e ágeis, para uma "agressividade sadia" que pode - geralmente para eles - se manifestar em corridas e lutas de brinquedo. Nessas atividades, estimula-se um tipo de camaradagem considerada "tipicamente" masculina, na qual está presente, freqüentemente, a lealdade, mas onde não se supõe intimidade, confidências, demonstração explícita de sentimentos (Louro, 1995, p. 177).

Cabe ressaltar que essa divisão física/espacial entre meninos e meninas quase não ocorre mais nas aulas de Educação Física, mas permanece a divisão cultural e simbólica quando em uma aula livre, por exemplo, o professor ou a professora deixam os alunos e alunas realizarem qualquer atividade, neste momento a divisão de papéis sociais fica clara, pois os meninos jogam, via de regra, futebol e as meninas dançam ou conversam fora da quadra esportiva destinada às aulas. Essa segregação dos indivíduos pode ocorrer das mais diversas formas: através de práticas corporais, gestos da professora, do professor ou dos alunos e alunas e também através dos silêncios, das ausências, pois como afirma Foucault (1984, p. 30):

...não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou de que forma de discricção é exigida a uns e outros.

Esse tratamento diferenciado passa a exigir um certo tipo de comportamento que deve ser atendido pelo aluno e pela aluna. Entender que o menino é mais agressivo e ativo que a menina faz com que a professora e o professor esperem dele determinadas atitudes que podem não corresponder à sua personalidade, mas que acabam sendo vistas como “normais”. Essa cobrança é feita também por aqueles que se encaixam nesse padrão de masculinidade, que esperam de seus colegas atitudes “dignas de homens”.

Essa necessidade de se encaixar em um padrão faz com que os alunos e alunas internalizem certas formas de vigilância e auto-regulação, a fim de garantir sua inserção no grupo. Como afirma Larrosa (1994, p. 57), devemos considerar “o caráter constitutivo e não meramente mediador da pedagogia”. Sendo assim as práticas da Educação Física devem ser vistas como constitutivas de formas de ser homem e mulher, podendo ser consideradas como um “dispositivo pedagógico”, um lugar no qual se “constitui ou se transforma a experiência de si” (Larrosa, 1994, p. 57), ou seja, o espaço pedagógico no qual os sujeitos são ensinados a se perceberem enquanto sujeitos de si, desenvolvendo o que se

chama de autoconhecimento, auto-reflexão e, finalmente, o autocontrole.

Esse processo se dá através do ensinamento daquilo que é visível dentro de si mesmo, daquilo que o sujeito pode e deve dizer sobre si mesmo, as formas como cada um deve julgar-se, a narrativa que cada um faz de si e o que o sujeito pode e deve fazer consigo mesmo (Larrosa, 1994), tudo isso sendo ensinado por essa pedagogia que não pode ser vista como neutra. As práticas contidas nas aulas de Educação Física são meios pelos quais os sujeitos são levados a tomarem consciência de si, de uma determinada forma, através de um determinado discurso acerca da sexualidade e do que significa ser homem ou mulher. Assim, segundo Louro (1995, p. 89):

...podemos pensar então que as práticas escolares, como todas as outras, participam desse processo e, portanto, também imprimem no corpo de crianças e jovens disposições, atitudes, hábitos, comportamentos, que, num determinado momento e espaço social, são considerados como adequados à formação de meninos ou meninas.

Concorda-se com a autora, quando ela afirma que a escolarização do corpo não ocorre exclusivamente com os meninos, mas que “o discurso sobre a construção do corpo masculino me parece ser quase sempre mais ‘aberto’ e mais claramente assumido” (Louro, 1995, p. 90). As exigências feitas sobre o sujeito masculino passavam despercebidas, até porque foram as mulheres que iniciaram um processo de reflexão e enfrentamento em relação aos padrões sociais. Atualmente, com as mudanças que vêm ocorrendo no “universo masculino” (muitas frutos das reivindicações femininas), o homem passou a questionar aquelas características ditas “naturais”.

Dentro dessa construção do corpo masculino feita na escola, já foi salientado que a Educação Física tem um papel central, através, principalmente, da prática desportiva. Os jogos que desenvolvem coragem, lealdade e que se dão através da competição, seriam práticas “naturais” e “instintivas”, e a não participação nesses momentos seria vista como indicador de que algo está errado (Louro, 1995). A configuração de uma aula de Educação Física faz com que todos os sujeitos sejam observados, representando “uma situação constante e peculiar de exame” (Louro, 1995, p. 91). A permanente exposição que a aula exige faz com que as ações individuais possam ser observadas e avaliadas, tornando facilmente perceptível qualquer atitude “anormal” de seus alunos e alunas.

Altmann (1999), em um estudo sobre a ocupação do espaço escolar, aponta algumas características que ajudam a entender de que forma a masculinidade está presente na escola, sendo produzida e reproduzida. A autora presenciou uma Semana de Jogos promovida por uma escola, na qual os alunos e alunas se dividiam em equipes para competirem entre si. A partir dos gritos de guerra e dos uniformes utilizados pelas torcidas e equipes, ela aponta para a seguinte conclusão:

Assim, a linguagem dos uniformes e dos refrões não apenas reproduzia uma determinada imagem masculina do esporte, como a constituía. Não era, porém, a

qualquer masculinidade que o esporte se associava, mas à imagem de um homem forte, violento e vitorioso. Essas imagens reproduziam e produziam simultaneamente identidades esportivas e de gênero, determinando, em grande parte, as relações estabelecidas entre os jogadores (Altmann, 1999, p. 162).

Assim, a escola dá preferência para um certo tipo de atitude masculina, mas segundo a própria autora “não se pode descartar a existência de outras formas”, sendo que “qualquer forma particular de masculinidade é, ela própria, internamente complexa e até mesmo contraditória” (Altmann, 1999, p. 162).

Na prática hegemônica do esporte aceita-se que a lealdade esteja presente, mas

...a camaradagem não supõe, necessariamente, intimidade, revelações profundas, confiança mútua (...) vêm se construindo culturalmente vários obstáculos à intimidade entre homens, desde os tabus sobre a expressão de sentimentos, o culto de uma espécie de “insensibilidade” ou dureza, a competição e a homofobia” (Louro, 1995, p. 96).

Sendo assim, qualquer manifestação que esteja fora dessa norma geral de comportamento desperta desconfiança, dúvida e insegurança.

A persistência de uma Educação Física que não reflete sobre suas práticas e seu papel na formação de seus alunos e alunas acaba, através de seu silêncio, colaborando para a formação dos estereótipos de homem e mulher, mantendo assim uma postura supostamente neutra, ajudando na formação de uma consciência coletiva de que ser homem e ser mulher atende a determinados padrões e regras normatizadas de conduta.

Desta forma fecha-se a porta para as diversas manifestações de masculinidade e feminilidade existentes, limitando as experiências a práticas generificadas e estabelecidas como “adequadas” aos meninos ou às meninas. Além de limitar o conteúdo da Educação Física aos esportes, este tipo de conduta fortalece a formação de sujeitos adequados à uma sociedade competitiva e preconceituosa. Mesmo com a consciência de que a formação dos sujeitos ocorre em diversas instâncias sociais, entre elas a escola, não podemos ignorar o papel da Educação Física, uma vez que este campo de saber trata diretamente das questões ligadas ao corpo. Cabe então repensar o papel desse conteúdo escolar, buscando novas formas de ensino e novas relações sociais.

Referências

- ALTMANN, H. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. *Educação e Realidade*, v. 24, n. 2, p. 157-173, jul./dez, 1999.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Lígia M. Pondé Vassalo. Petrópolis : Vozes, 1987.
- _____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Graal, 1984.

- FRAGA, A. B. *Corpo, Identidade e Bom-Mocismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LARROSA, J. Tecnologias do eu e educação. In: SILVA, T. T. (org.) *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis : Vozes, p. 35-85, 1994.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (org.). *O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte : Autêntica, p. 07-34, 1999.
- _____. Produzindo sujeitos masculinos e cristãos. In: Veiga-Neto, A. (org). *Crítica pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre : Sulina, p. 83-107, 1995.
- SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo: estudo a partir da ginástica francesa no século XIX*. Campinas : Autores Associados, 2002.
- _____. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2001.

Correspondência

Francis Madlener de Lima, professora da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba e da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: francis_mad@hotmail.com

Nilson Fernandes Dinis, Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná.

E-mail: ndinis@ufpr.br

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização dos autores.
